

Um texto discretamente explosivo: Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado

Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida*

Resumo:

O objetivo é destacar o caráter profundamente subversivo, nos planos teórico e político-ideológico, do artigo de Louis Althusser, "Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado". O percurso da exposição passa pelo exame de algumas continuidades na abordagem althusseriana da ideologia e, no interior delas, relevantes inovações. Dentre estas últimas, a principal examinada aqui consiste em uma mudança de centralidade do foco: da dimensão epistemológica para a função social da ideologia.

Palavras-chave: Ideologias; aparelhos ideológicos de Estado; funcionalismo; lutas de classes.

A discretely explosive text: Ideology and ideological state apparatuses

Abstract:

The objective of this paper is to highlight the deeply subversive character, on both the theoretical and political-ideological planes, of Louis Althusser's article "Ideology and Ideological State Apparatuses." The analysis proceeds by examining some continuities in the Althusserian approach to ideology and, within that approach, relevant innovations. Among the latter the one that is emphasized consists of a change in central focus from the epistemological dimension to the social function of ideology.

Keywords: Ideology; ideological state apparatuses; functionalism; class struggles.

Novas pesquisas e depoimentos sobre Louis Althusser e, especialmente, a publicação de manuscritos que ele deixou engavetados, revelam um percurso pleno de rupturas marcadas pela simultaneidade e pelas diferenças dos rumos que sinalizavam. Independentemente das avaliações que receba, tal processo expressa extraordinária capacidade de experimentação de novos caminhos para um marxismo que se demonstrava imprescindível e, em aparente paradoxo, necessitado de *aggiornamento* urgente, até porque sofria ataques de múltiplos pontos

* Livre-docente em Ciência Política pela PUC-SP. Professor do Departamento de Política e do Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais da PUC-SP, São Paulo-SP, Brasil. Coordenador do Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais (NEILS). Autor de *Ideologia nacional e nacionalismo*. 2 ed. São Paulo: EDUC, 2014.

End. Eletrônico: lucio.almeida@pucsp.br

e em diversos flancos. Cinco décadas após a aparição fulgurante de *Pour Marx e Lire Le Capital*, os estudiosos da contribuição althusseriana estão longe de encontrar um território bem mapeado conceitualmente. Ainda reexaminam textos primeiramente publicados, deparando-se, para frente e para trás, com sinalização de novas aventuras que, embora férteis do ponto-de-vista teórico-político, não oferecem grandes garantias de como terminarão.

Neste sentido, aqui se faz um percurso distinto do que se convencionou em relação às efemérides intelectuais. Não se analisam diretamente as duas obras “fundadoras”, mas um artigo que transpôs o âmbito dos “especialistas” e se transformou em referência maior sobre os aportes althusserianos em geral e, em particular, acerca da ideologia. Ao mesmo tempo, sinaliza, embora, até o momento, mais discretamente, esta dimensão semioculta da produção “subterrânea” de Althusser, bem como das relações entre ela e a que o autor trouxe à luz. Refiro-me a « *Idéologie et appareils idéologiques d’État (notes pour une recherche)* ». Se a análise aqui apresentada contém algo de original, é muito simples: trata-se de destacar o caráter explosivo de um texto tido como exatamente o oposto: reproducionista.

Publicado em junho de 1970 na revista *La Pensée* n° 151, o texto é constituído por extratos de um manuscrito que não parava de crescer nem de mudar de nome e que, em seguida ao trabalho de edição, saiu, cinco anos após a morte do autor, com o título *Sur la reproduction* (Althusser:1995). O artigo adquiriu vida própria e circula amplamente, às vezes sob a forma de opúsculo, por diversas áreas das ciências humanas. Sem perder o brilho, mescla passagens que beiram o didatismo com formulações mais obscuras e de candente teor polêmico em relação a teses marxistas mais consagradas e a ousadias do próprio Althusser. Desde o início, foi objeto de sofisticadas e balanceadas interpretações e também de rotulações primárias.

Para complicar ainda mais, as partes selecionadas para o artigo tratam, sobretudo, da reprodução, o que, em princípio, é explicável pela definição do tema do manuscrito, reprodução das relações de produção capitalistas. Como sempre se pode piorar uma situação, a inteligibilidade do manuscrito e, assim, do conjunto das formulações elaboradas pelo autor, seriam facilitadas caso este tivesse produzido o tomo II, que se voltaria para “a luta de classes nas formações sociais capitalistas”. Não faltavam motivos (justificados ou não) para que o artigo sobre os AIEs fosse qualificado de “reproducionista”, “conformista”, “negador das lutas de classes” ou “funcionalista”.

Em vez de fazer um cotejo direto de teses de Althusser com outras elaboradas a partir de correntes rivais dentro e fora do marxismo, o que aqui se procura é abordar, no interior do universo teórico althusseriano (sem ignorar todas as tensões e contradições que ele apresenta), algumas questões candentes acerca

um conceito formulado pelo autor: o de aparelhos ideológicos de Estado.

Diversos autores já observaram que Althusser escreveu o texto sobre os AIEs sob forte impacto da influência da obra de Gramsci. Esta observação, no geral correta, merece maior qualificação.

Na Itália e na França, para nos atermos aos casos principais, as teses do grande revolucionário sardo eram adotadas principalmente com vistas ao reforço do reformismo em diversos partidos comunistas no mundo inteiro (Brasil incluso). Na contramão desta tendência, Althusser se apropria de formulações gramscinianas que restringem a distinção público–privado ao interior do direito burguês, negando que ela se estenda ao conjunto do Estado. Este “Estado, que é o Estado *da* classe dominante, não é público nem privado; é, ao contrário, a condição de toda distinção entre o público e o privado” (1995: 282).

Esta formulação, em especial quando diretamente articulada à distinção entre aparelho de Estado e poder de Estado, implicava um ousado confronto com as teses que tendiam a negligenciar a análise do caráter estrutural de classe do aparelho de Estado e, por este caminho, ignoravam a unidade fundamental deste aparelho. Dupla ocultação que possibilitava “maleabilidade” suficiente para se considerar, em nome de um aparente marxismo, a ilusão de que, uma vez deslocado o capital monopolista (PCF) ou intensificada a presença das lutas populares no interior do aparelho de Estado (especialmente caso do PCI e posterior versão poulantzianiana do eurocomunismo de esquerda), abrir-se-ia uma perspectiva de transição ao socialismo sem profundas rupturas institucionais.

Mas não era somente com esta tendência mais à direita que nosso autor, membro do PCF, tinha uma relação mais instável. O mesmo ocorria com jovens intelectuais ativistas de extrema esquerda, alguns dos quais, ex-alunos e companheiros de trabalho de Althusser. Neste caso, o maoísmo, antes ponto de confluência, se tornava cada vez mais ponto de discórdia, especialmente no que se refere às relações entre produção teórica e inserção em instituições burguesas, a começar pela universidade¹. O que, em termos filosóficos, se expressaria em

¹ Balibar esboça diversas tentativas de dar conta desta múltipla relação de Althusser com o PCF e com grupos maoístas. O interesse está nos depoimentos de quem conviveu intensamente com esta experiência. Mas os textos são, em geral, impressionistas, carentes de sistematicidade e marcados em demasia por uma seletividade estreitamente derivada das atuais posições teórico-políticas. Ver, por exemplo, Balibar (2015). Dois textos que teceram, de uma perspectiva maoísta, duras críticas a Althusser, foram escritos por Badiou (1976) e Rancière (1974). Em longo depoimento a seu biógrafo, Peter Hallward, Badiou se esforça para esclarecer que, seja por seu trajeto escolar, seja pelas principais influências que recebeu, não teve grandes relações com Althusser e o grupo se constituiu mais diretamente em torno deste na École Normale Supérieure. Por outro lado, fornece valiosas informações acerca do desenvolvimento do maoísmo francês e das relações que este manteve com a E.N.S. (Badiou: 2007).

áspero debate sobre o teoricismo. O próprio Althusser fez uma importantes autocríticas a este respeito².

Enfim, havia a extrema esquerda libertária, um crescente público para a produção foucaultiana. Bem mais jovem do que Althusser, Michel Foucault já havia publicado quatro importantes livros antes de *Pour Marx* e exercia crescente influência sobre indivíduos e movimentos que viam no marxismo antes um obstáculo a ser superado do que um referencial teórico-prático importante para a transformação social. A este respeito, Althusser efetuou um duplo movimento, o qual se expressa claramente em *Sur la reproduction*. Por um lado, teceu forte elogio à *História da Loucura na Idade Clássica*³ e aventou a possibilidade de se referir à existência, nas formações sociais capitalistas, de um “aparelho ideológico ‘medicinal’” (1995: 192). Por outro, congruente com as formulações que apresenta em seu manuscrito, dirige críticas sofisticadas e candentes a um lema divulgado pelo semanário anarquista *L’Action* e que até hoje faz furor: “Chassez le flic que vous avez dans la tête” (“Expulse o policial que você tem na cabeça”).

Segundo Althusser, os autores deste lema, embora expressassem intenções ultrarrevolucionárias, incorriam em dois graves equívocos: 1) substituíam a exploração pela repressão ou pensavam a primeira como uma forma da segunda; 2) substituíam a ideologia pela repressão, ou concebiam a primeira como uma forma da segunda. O resultado seria de um simplismo atroz: a tese de que bastaria a violência, independente até do simples recurso às “belas mentiras” (concepção paupérrima da ideologia), para assegurar que as relações de exploração e opressão se reproduzissem (1995: 212-214).

Passemos, portanto, às abordagens althusserianas da ideologia.

Ruptura epistemológica e função social: o duplo e contraditório foco da teoria da ideologia.

Nas formulações elaboradas por Marx e Engels, especialmente a partir de *A Ideologia Alemã*, já está presente a dupla significação do conceito de ideologia, que se remete à ocultação da realidade e à reprodução das relações de dominação de classe. Mas, apesar de compartilhar este duplo direcionamento, Althusser, embora valorize o papel de ruptura desempenhado por aquele conjunto heteróclito de escritos de Marx e Engels, considera que, ali, as formulações sobre ideologia estão fortemente marcadas pelo positivismo, pois a apresentam, no fundamental, como mero reflexo vazio da realidade. Mesmo se levarmos em conta as inúmeras críticas

² Por exemplo, em “Elementos de autocrítica”, publicado em junho de 1972 (Althusser, 1978).

³ Já o fizera em *Lire Le Capital* (Althusser, 1996: 20, 46 e 289).

(inclusive autocrítica) em relação ao epistemologismo da abordagem althusseriana, esta não ignorou, de forma alguma a segunda dimensão. Pelo contrário, como se verá, a consideração da importância da ideologia para a reprodução social não apenas esteve presente como se desdobrou na abordagem do aspecto contrário (a contestação), o que constituiu uma espécie de face oculta do texto sobre os AIEs. Mas, também em relação à análise althusseriana da ideologia, a continuidade não deve ocultar a existência de importantes mudanças.

Tanto em *Pour Marx* como em *Lire Le Capital*, apesar da centralidade do foco incidir, no que se refere ao nosso tema, sobre o papel de obstáculo epistemológico da ideologia, esta é também abordada como um nível estrutural de um modo de produção. No primeiro livro, Althusser afirma que:

Em toda sociedade se constata... a existência de uma atividade econômica de base, de uma organização política, e de formas 'ideológicas'...A ideologia faz, pois, organicamente parte, como tal, de toda uma totalidade social. (...) A ideologia ...é uma estrutura essencial à vida histórica das sociedades. (Althusser, 2005: 238-9).

Em *Lire Le Capital*, nosso autor explica que o todo marxista, diferentemente do hegeliano, é complexamente estruturado pela articulação de “instâncias distintas e relativamente autônomas, dentre as quais a econômica, que é determinante em última instância, a política e a ideológica (Althusser, 2005, v I: 120-1 e 123).

Também está presente nos dois livros publicados em 1965 a concepção althusseriana de que, na ideologia, os homens não expressam suas relações com suas condições de existência, mas o *modo* como vivem a sua relação com as suas condições de existência: o que supõe, ao mesmo tempo, relação real e relação ‘vívida’, ‘imaginária’”. (Althusser, 2005: 256).

Esta conceituação de ideologia como relação real dos homens com suas condições de existência investida em uma relação imaginária foi incorporada por Nicos Poulantzas em *Poder Político e Classes Sociais*, obra publicada em 1968 e cuja importância para a ciência política contemporânea é muito difícil superestimar (Poulantzas, 1968: 223). E talvez Poulantzas tenha sido o autor que, neste livro, mais incorporou à sua metodologia, inclusive no que se refere à ordem de exposição, as formulações althusserianas sobre a prática teórica, ou seja, o processo da transformação, por meio de conceitos mais abstratos, de noções em conceitos cada vez menos abstratos (Poulantzas, 1968: esp. 7-31). E é desnecessário insistir em que *PPCS* também incorpora e desenvolve a tese de que a ideologia é uma instância da totalidade social. Justamente esta incorporação possibilitou a ousada tentativa de uma teorização sistemática acerca da instância política do modo de produção capitalista.

Da mesma forma que Marx explorou o que havia de mais avançado na economia política clássica para formular o conceito de produção em geral e,

em seguida, de relações de produção, Althusser recorreu, de modo fecundo, aos avanços das ciências humanas, a começar pela psicanálise, em sua tentativa de produção de um conceito geral de ideologia. Não abandonou Marx. Ao contrário – e apesar do que o próprio Althusser afirmaria em uma obra na qual se desqualifica muito (Althusser, 1992) – o releu profundamente, contribuindo para uma extraordinária renovação conceitual que até hoje estimula o exame de diversas áreas do conhecimento. E empreendeu, no que se refere à ideologia, explorações similares à que, por exemplo, Nicos Poulantzas, efetuou em relação a uma teoria do político no modo de produção capitalista. Com a diferença de que, embora o trabalho de Poulantzas tenha sido mais sistemático – até porque seu objeto é mais discernível – este autor, especialmente em sua obra maior, *Poder Político e Classes Sociais*, seguiu uma trilha fundamentalmente aberta por Louis Althusser. Todavia, estas similitudes não devem ocultar o fato de que, mesmo em relação às teorias regionais do econômico e do político, restam grandes interrogações acerca do que há (caso exista) de trans-histórico, especialmente em se tratando de sociedades sem classes, mais ainda uma sociedade comunista; e que esta questão é mais candente e complexa no que se refere à ideologia, pois Althusser a concebe como intrínseca ao ser humano.

Em seus textos de 1965, Althusser centrou muito mais o foco na dimensão epistemológica, o que lhe possibilitou a realização de uma extraordinária releitura da obra de Marx, das sucessivas influências intelectuais que este sofreu e da imensa revolução teórica que produziu a partir de um determinado período de sua trajetória. A respeito do impacto da leitura que Althusser fez de Marx, basta mencionar, neste momento, o recurso ao conceito de ruptura epistemológica (que Althusser diz ter tomado de empréstimo a Bachelard), cuja importância é fundamental não somente para o estudo das relações entre ciência e ideologia.

O extraordinário impacto dessas formulações mobilizou a maior parte dos debates sobre a obra de Althusser, deixando para segundo plano o que, de fato, nas duas obras publicadas em 1965, estava neste lugar: 1) a função social específica da luta política; 2) a dimensão estrutural da ideologia em um modo de produção; 3) o modo mais geral de funcionamento da estrutura ideológica.

Em termos gerais, Balibar (2005) tem razão ao afirmar que “ideologia” é uma das três constelações de noções e de questões em torno das quais se organiza *Pour Marx* (as outras seriam o “corte epistemológico” e “estrutura”) e também ao asseverar que Althusser não modificou significativamente sua concepção geral acerca de ideologia (id.: X)⁴. Mas, quando observamos, por um lado, *Pour Marx*

⁴ A este respeito, Balibar refere-se explicitamente a *Pour Marx (Em favor de Marx)* e *Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado*.

(e mesmo *Lire Le Capital*) e, por outro, “Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado”, é visível o deslocamento do centro do foco. Este, no artigo publicado em *La Pensée*, se dirige explicitamente para o modo como a ideologia é fundamental para a reprodução das relações de produção e, por esta via, para o conjunto das relações sociais. E esse deslocamento abre caminho para algumas inovações extraordinárias.

A primeira delas é a radicalização da tese de que ideologia significa a “‘representação’ [aspas de Althusser] ‘da relação imaginária [não mais real e imaginária] dos indivíduos com suas condições reais de existência’” (Althusser, 1996:126).

A segunda radicaliza a primeira. Althusser redefine e vai muito além da noção de representação, insistindo em que “a ideologia tem uma existência material”. Ou seja, “uma ideologia existe sempre num aparelho e em sua prática ou práticas. Essa existência é material” (id.:128-9). Segundo afirma o próprio Althusser, as ideias constitutivas da crença deste ou daquele sujeito individual são “*seus atos materiais, inseridos em práticas materiais, regidas por rituais materiais, os quais, por seu turno, são definidos pelo aparelho ideológico material de que derivam as ideias desse sujeito*” (id.: 130, grifos dele). Neste sentido, como observa o autor, o próprio termo “ideias” perde a relevância que detinha nas concepções tradicionais de ideologia, sobressaindo-se, por outro lado, “sujeito” (em sentido totalmente redefinido): ele “age na medida em que ‘é agido’ pelo seguinte sistema (...): uma ideologia existente num aparelho ideológico material, que prescreve práticas materiais regidas por um ritual material, práticas estas que existem nos atos materiais de um sujeito que age, com plena consciência, de acordo com sua crença” (id.: 131).

Neste processo, a noção decisiva é, portanto, a de “sujeito”, o que possibilita a formulação de uma dupla tese: “1. Não existe prática, a não ser através de uma ideologia, e dentro dela; 2. Não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos” (id.: 131).

Agora, Althusser considera que pode passar à sua “tese central” que, constituiu, segundo o ponto de vista aqui exposto, a inovação mais importante: “*A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos*” (id.: *ibid.*).

Esta terceira inovação fundamental – a da interpelação – apresenta desdobramentos até então inéditos na obra de Althusser. A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos, no duplo e contraditório sentido do termo, ou seja, como livres e como assujeitados (assujeitados livremente). Desta forma, eles “trabalham sozinhos” (ou seja, em relativa ausência dos mecanismos diretos de repressão), comportando-se adequadamente à reprodução das várias dimensões do modo de vida necessário à reprodução das relações de produção. Este deslocamento do foco não exclui a “velha” formulação presente nos textos de 1965. Ao contrário, avança no sentido de desvendar os dispositivos por meios dos quais a ideologia é vivida pelos agentes.

Luta teórica e ideológica no texto sobre os AIEs

O que ocorre no texto sobre os AIE (e no manuscrito como um todo) merece uma dupla qualificação: 1) são importantes ajustes, os quais possibilitam maiores desenvolvimentos teóricos; 2) estes ajustes passam ao largo de qualquer crítica mais tradicional de epistemologismo.

Althusser envolve-se em uma intensa disputa muito concreta pela vanguarda política e cultural, onde, ao mesmo tempo em que rejeita o teorismo, procura algo bem mais amplo e profundo: atualizar o marxismo revolucionário por meio da absorção crítica de conquistas científicas que este se acostumara a estigmatizar (caso da psicanálise) e de tentativas de profundas transformações no plano da luta política até então ignoradas no plano teórico. Daí a incorporação de formulações maoístas sobre os aparelhos de reprodução e revolução em todas as esferas da vida cultural, sobre contradição, aportes gramscinianos sobre ideologia; e o entusiasmo com os movimentos de maio de 1968 e a revolução cultural chinesa. E sempre mantendo o pé em um movimento comunista com amplo e profundo enraizamento de massas, mas cujos aparelhos, cada vez emperrados, atinavam nas relações com as lutas proletárias e populares.

Estes ajustes e desenvolvimentos não são incompatíveis com a afirmação sobre o efeito de desconhecimento produzido por dispositivos da ideologia dominante, o que, aliás, requer abordagens mais sofisticadas, especialmente ao se referir a certos dispositivos que, longe de serem neutros, operam no sentido de reformatar os conteúdos das lutas de classes no plano ideológico.

A produção de práticas materiais que deem “sentido” a uma ordem de exploração ao ponto em que os sujeitos ajam por si mesmos implica mecanismos de desconhecimento das relações de exploração e de dominação. O reconhecimento-desconhecimento, mais do que simples erro, é um mecanismo da reprodução de uma formação social (pelo menos de uma formação social classista), o qual passa necessariamente por processos de sujeição-garantia ou, como sugere Göran Therborn (1996:2), sujeição-qualificação.

Não se trata, como, posteriormente, explicaria o autor, de uma abordagem funcionalista. É interessante como, mesmo no plano teórico, Althusser procura demonstrar que o ponto de vista da reprodução é indispensável para a superação da metáfora espacial (base – superestrutura), o que, segundo ele, passa pela distinção entre o Aparelho Repressivo de Estado (ARE) e os Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs). Na medida em que procura detectar as relações mencionadas no parágrafo anterior, nosso autor faz um importante esforço de produção teórica com vistas a uma crítica devastadora do conjunto das relações (família, escola, sistema partidário, sindical, de informação etc.) institucionalizadas em uma formação social marcada pela existência da propriedade privada

dos meios de produção, no caso uma formação social capitalista e nas tentativas de superação desta.

Não cabe, aqui, expressar total concordância com as formulações apresentadas no texto sobre os AIEs, em cujo *post-scriptum*, elaborado em 1970, ou seja, um ano depois, e em outro texto suplementar, “Notes sur les AIE” (Notas sobre os AIE), elaborado em 1974, o próprio autor apresenta forte autocrítica. Para Althusser, as teses apresentadas no artigo de *La pensée* ficaram “demasiado abstratas” e deixaram “sem resposta” diversos problemas. Já no *post-scriptum*, ele afirma que faltou, na análise mais abrangente do processo de reprodução das relações de produção, o exame dos processos de produção e circulação. Nestes processos, diferentes ideologias, especialmente a jurídico-moral, se apresentam (Id.:139). Mesmo com isso, a abordagem permaneceria abstrata, pois as relações de produção implicam relações entre classes antagônicas. Neste sentido, adotar o ponto de vista da reprodução implica, “em última instância”, “situar-se do ponto de vista da luta de classes”. (id.: *ibid.*). Os aparelhos de Estado são o lugar por excelência da luta da classe dominante. Mas “quem fala em luta da classe dominante fala em resistência, revolta e luta de classe da classe dominada” (id.: 140).

Estes novos “elementos de autocrítica” serão analisados na próxima parte deste artigo. Mas, desde já, cabe observar que o ponto frágil das formulações sobre os AIEs parece estar na expressão “de Estado”, que mais obscurece o sentido das inovações, abrindo o flanco para estéreis debates do tipo “tudo ou nada”. O que se perde é, em primeiro lugar, o caráter especial do aparelho de Estado “em sentido estrito” e, por esta via, o exame de uma estrutura crucial para a reprodução das formações sociais dominadas pelo modo de produção capitalista (para nos restringirmos ao que, no momento mais nos interessa): a jurídico-política. Também se perde a perspectivas de lutas proletárias cujas dimensões ideológicas apontem, dentro do capitalismo para o processo de constituição de aparelhos que se voltem predominantemente contra a reprodução das condições de dominação de classe⁵.

(Des)razões das autocríticas

A respeito destas autocríticas, cabem aqui duas observações. A primeira refere-se à ausência, no artigo de *La pensée*, de importantes aspectos substantivos, especialmente o tratamento adequado de distintos níveis de abstração. Teria faltado uma “análise mais abrangente do processo de reprodução das relações de produção”, inclusive o exame dos processos de produção. Não existe menção às diferentes ideologias, principalmente a jurídico-moral, cujo papel não poderia

⁵ Aqui apenas sinalizo a perspectiva de analisar em um outro artigo os problemas decorrentes de um caráter “de Estado” a todos os aparelhos ideológicos.

ser ignorado. De fato, isso não aparece no artigo de *La pensée*. Tudo isso obscurece o fio vermelho que perpassa o esforço do autor: uma análise marxista da reprodução é requisito indissociável das condições de transformação de um modo de produção.

Ao contrário, até para se evitar autoenganos, conhecê-las é indispensável para uma prática voltada para a transformação social⁶. E – aspecto importantíssimo – o próprio Althusser já havia explicitado esta posição no manuscrito do qual foi extraído o artigo para *La pensée*: “é ao ponto de vista da reprodução que precisamos nos elevar, não apenas para compreendermos a função e o funcionamento da superestrutura, mas também para dispor dos conceitos” que possibilitem o avanço da ciência da história das revoluções. E que também contribuam para se constituírem, “sob a ditadura do proletariado, os aparelhos ideológicos de (Estado)”⁷ adequados para se “preparar efetivamente a passagem ao socialismo”, o que levará “ao desaparecimento do Estado e de todos os seus aparelhos (...)” (1995: 193)⁸.

Como já ficou implícito na primeira, a segunda observação refere-se à pertinência da autocrítica. De um ponto de vista puramente formal, esta é cabível, até porque intrínseca ao processo de produção de conhecimentos e de intervenção no sentido de transformar o real. Mesmo assim, ainda cabem outras ponderações.

O texto de *La pensée* foi apresentado com a ressalva, já no subtítulo, de que se tratava de “notas para uma investigação”. E, além de intensamente criativo, estava escorado em reflexões mais demoradas (nem sempre escritas com a mesma sofisticação), cujos manuscritos eram desconhecidos, além de terem ficados inconclusos⁹. Mas, posteriormente, foram publicados, formando, com o artigo,

⁶ A este respeito, ver o texto ao mesmo tempo lúcido e um tanto desesperado de Michel Pêcheux, escrito em 1978 (Pêcheux, 2013).

⁷ Os parênteses são meus e os insiro aqui justamente porque as relações entre classes populares (especialmente o proletariado) e Estado no socialismo representam uma das maiores tragédias das tentativas de revolução socialista no século XX, às quais ocuparam lugar central nas preocupações de Althusser.

⁸ Esta longa citação foi extraída do capítulo X, intitulado *Reproduction des rapports de production et révolution*.

⁹ Resta saber por que Althusser não as mencionou. Para além de qualquer explicação psicológica, Motta e Serra (2014), observam que as posições políticas, especialmente o leninismo, de Althusser, insistentemente explicitadas no manuscrito, estão ausentes do artigo de *La pensée*. Pelo menos duas hipóteses, que não necessariamente se excluem, merecem exame: a da expectativa, por parte de Althusser, de concluir, no pior dos casos, ao menos este primeiro volume. A segunda, já aventada, é a da urgência de intervir em um debate sem que as pressões que o autor sofria se agigantassem ao ponto de comprometerem sua intervenção que ele considerava (e era) urgente. O artigo foi importante contribuição para uma espécie de sobrevivência do marxismo junto a amplos contingentes das esquerdas cultivadas em várias partes do mundo. Observe-se que o segundo manuscrito jamais foi iniciado. Todavia – e este é um tema para outro artigo – as conferências e escritos políticos cada vez mais criativos e certos de Althusser deixam claro que ele tinha muito mais para escrever sobre questões candentes da teoria e da prática revolucionárias.

o post-scriptum e as Notas sobre os AIE, um conjunto portentoso, tanto pela originalidade de inúmeras formulações como pelo caráter profundamente subversivo das teses que apresenta.

Neste conjunto de publicações, evidencia-se que, embora não sejam transformáveis radicalmente no interior de uma sociedade capitalista, os AIEs estão longe de serem totalmente blindados contra o avanço das lutas proletárias.

Para Althusser, se um Partido Comunista foi legalizado e se inseriu no sistema constitutivo do Aparelho Ideológico Partidário de Estado ou se um sindicato comunista tornou-se parte do Aparelho Ideológico Sindical de Estado, isto apresenta implicações profundamente contraditórias. Uma Igreja determinada, este partido, aquele sindicato, não constituem, cada um deles, um aparelho ideológico de Estado, mas um elemento, “uma peça de diferentes sistemas, que denominamos Aparelhos ideológicos de Estado: o sistema religioso, o sistema escolar, o sistema político etc.” (Althusser, 1995:116)¹⁰. Por um lado, esta inserção de partido ou sindicato comunista deveu-se à intensidade das lutas proletárias. Por outro, o interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado jamais poderá ser o principal cenário de luta desse partido ou sindicato. Muito ao contrário, é um locus desfavorável no qual estas lutas, se deixadas a si mesmas ou transformadas em prioritárias, tendem a ser neutralizadas pelo próprio funcionamento dos referidos aparelhos. Em outros termos, a persistência das lutas proletárias fora dos AIEs é fundamental para que elas perdurem, sem se descaracterizar, no interior destes.

Segundo o autor, as lutas de classes que se expressam no interior dos Aparelhos Ideológicos de Estado Político e Sindical expressam luta de classe que se trava não somente fora deles, mas em um âmbito muito maior e profundo. Portanto, as organizações proletárias que atuam no interior desses aparelhos, “trairiam sua missão caso apegassem a luta de classe exterior” (1995: 127). Daí a referência aos “partidos operários social-democratas ...perfeitos exemplos de ‘peças’ dos AIE bugueses que se deixam ‘digerir’ ao mesmo tempo pela ideologia do Estado burguês, realizada nos AIE, e pelas ‘regras’ do ‘jogo político e sindical’ desses AIE. A ideologia desses partidos é um simples subproduto da ideologia burguesa destinado a operários: a ideologia pequeno-burguesa reformista”, uma “política de colaboração de classe.” (id.: *ibid.*).

As considerações tecidas por Louis Althusser se estendem aos processos de tentativa de transição para o socialismo. Aí se desfaz uma aparência muito forte: a da fragilidade dos AIE, quando comparados ao Aparelho Repressivo de Estado. Daí a tragédia enfrentada pela Revolução de Outubro, que destruiu rapidamente

¹⁰ Este e os demais trechos de *Sur la reproduction*, neste artigo, foram traduzidos por mim, LFRA.

grande parte do Aparelho Repressivo de Estado, restando dele somente o ramo administrativo. O principal problema, segundo Althusser, estava nos Aparelhos Ideológicos do novo Estado, ou seja, do Estado proletário: no aparelho *político* (como o partido e os Sovietes poderiam ligar-se às massas e controlar aquele aparelho administrativo, destruindo “a tendência burocrática”? O que deveria ser um aparelho sindical? “Um aparelho ‘*não coercitivo*’, uma ‘*escola de comunismo*’ para assegurar, por meio de diversas engrenagens, uma justa ligação com as massas”? Como seria, especialmente, o novo aparelho escolar, cuja importância é crucial para “o futuro das jovens gerações”. Para Althusser, que afirmava compartilhar as mesmas preocupações de Lenin, especialmente depois de outubro de 1917, “não basta destruir o aparelho repressivo; também é preciso destruir e substituir os Aparelhos ideológicos de Estado. É preciso construir novos AIEs, sem os quais... o próprio futuro da revolução está em jogo”. (id: 120-121).

Seja no que refere ao papel dos sindicatos e dos partidos nas formações sociais capitalistas ou nos processos de transição para o socialismo, estas formulações que aqui apresentamos de modo extremamente resumido (pois Althusser escreve mais de 160 páginas a respeito) são de uma atualidade imensa, inclusive no que se refere à formação social brasileira. É clara a inspiração das teses althusserianas em obras como as de Charles Bettelheim sobre as lutas de classes na URSS¹¹ e a revolução cultural proletária; de Poulantzas sobre as classes sociais no capitalismo “de hoje” (o livro saiu em 1974); de Christian Baudelot, Roger Establet e Pierre Bourdieu (em outro registro) sobre educação, todos na época, muito próximos de Althusser..

É também possível que contribuam para demonstrar que, tanto na referência empírica como, sobretudo, na teoria, as preocupações de Althusser estavam muito longe de serem reprodutivistas. Voltavam-se exatamente para o oposto, ou seja, como atuar frente ao que denominava Aparelhos Ideológicos de Estado burgueses e como construir, em um processo revolucionário socialista, os correspondentes Aparelhos Ideológicos.

A começar por uma questão crucial: em qual medida e qual maneira ainda seriam estatais? Não foi por mero culto à tradição, mas, ao contrário, em contraposição a esta no que teve de expropriação do poder proletário, que Althusser se oporia ao abandono explícito do projeto de implantação de uma ditadura do proletariado, que de forma alguma se reduzia ao poder de Estado, durante o período de transição socialista¹².

¹¹ O primeiro volume de *As Lutas de Classes na URSS* foi publicado por Bettelheim em 1974.

¹² Em relação a este problema, ver o texto da conferência de Althusser publicado neste mesmo número de *Lutas Sociais*.

Uma importante precisão efetuada por Althusser diz respeito à necessidade de identificar o AIE dominante na tarefa de reproduzir as relações de produção, pois este aparelho deve ser o alvo principal da luta de classes. Por exemplo, na Europa, as revoluções políticas burguesas foram precedidas de longos e intensos embates de classes dos mais variados tipos em torno da Igreja e das posições por ela defendidas.

As formulações teóricas acerca da extraordinária importância dos AIEs expressam a enorme sensibilidade que ele teve, ao contrário de boa parte dos intelectuais ligados ao Partido Comunista Francês, para o potencial dos movimentos estudantis de maio de 1968, os quais produziram profundos abalos no que Althusser considera o principal AIE das formações sociais capitalistas: o escolar¹³. Aqui, mais uma vez, se revelou a profunda capacidade de nosso autor para apreender o novo, teorizar sobre ele e integrá-lo ao que considerava fundamental para o marxismo revolucionário. Não se tratava de aderir ao esquerdismo, mas de disputar com ele, contribuindo, no plano teórico-político, para que os comunistas se colocassem à altura das tarefas que tinham de realizar.

Althusser não perde a oportunidade de alertar para o primado da “infraestrutura” sobre os AIEs, deixando bem claro que, ao teorizar sobre estes últimos, estava longe de fornecer “um pequeno tratado da revolução”, a qual se iniciaria por “desencadear a luta de classes nos aparelhos ideológicos de Estado”, centrando o fogo no principal deles, o escolar, anulando a capacidade reprodutiva dos AIE em relação à infraestrutura e, por fim, tomando o aparelho repressivo estatal. Mesmo que tal delírio voluntarista fosse possível, ainda assim ficaria de pé um problema bem mais importante: a luta de classes se enraíza na infraestrutura e “transborda infinitamente as formas dos aparelhos ideológicos de Estado nos quais ela se torna visível” (1995:194).

O filósofo não parou aí. Mais uma vez, longe de se reconfortar com uma petição de princípio perfeitamente aceitável pelos principais epígonos do materialismo histórico, preparava uma nova investida em um terreno que servirá de base para importantes debates sobre os problemas até então mantidos ocultos pelos partidos comunistas de quase todo o mundo. Tratava-se, agora, de quebrar a caixa preta da infraestrutura e afirmar o primado, no interior desta, das relações de produção sobre as forças produtivas. Esta primazia não era indiferente ao “papel decisivo desempenhado, nas formações sociais capitalistas, pela ideologia

¹³ A respeito das manifestações estudantis de maio de 1968, ver as considerações críticas de Althusser em carta escrita, no ano seguinte, a Maria Antonietta Macciocchi (Althusser, 1969). Agradeço a Danilo Martuscelli, que não tem qualquer responsabilidade pelos erros cometidos neste meu artigo, a lembrança daquele importante documento.

jurídico-moral’, que se reproduzia no interior do Aparelho ideológico de Estado Jurídico, justamente aquele que articulava “*a superestrutura sobre e na infraestrutura*”, regulando o funcionamento das relações de produção (1995:202-3).

Desta forma, Althusser integrava a uma abordagem mais profunda da ideologia a crítica não somente ao capitalismo de tipo “ocidental”, mas também ao processo soviético que, especialmente a partir da consolidação do stalinismo, foi profundamente marcado, no plano ideológico, pela “problemática das forças produtivas”, o que teve importante papel na ocultação do caráter das relações de exploração de classe e da expansão de um aparelho estatal voltado fundamentalmente para a reprodução destas relações. Em suma, o que a apologia do desenvolvimento das forças produtivas ocultava, por meio de distintos Aparelhos ideológicos de Estado, era uma forma renovada de exploração e dominação de classe. Mais uma vez, Althusser prestava uma contribuição valiosa para a análise crítica do que se convencionou chamar, numa mistura de cinismo com abdicação teórica, de “socialismo real”. O aprofundamento deste debate sobre as tentativas de transição para o socialismo é fundamental para desenvolver e ampliar a luta das forças sociais anticapitalistas.

Obviamente, os tempos eram outros e diversos processos político-ideológicos contribuía para que a perspectiva de revolução estivesse na ordem do dia. Basta mencionar a derrota que o povo vietnamita impunha à maior potência militar do planeta; as lutas de libertação nacional; a vitória da revolução nicaraguenha; as diversas vertentes do movimento negro nos EUA; a forte presença de movimentos comunistas na chamada Europa Latina, especialmente França e Itália; as resistências contra regimes ditatoriais na América do Sul; e os extraordinários impactos ideológicos produzidos pelas lutas operárias e estudantis em 1968.

Mais tarde, com a nova expansão imperialista sob a égide do neoliberalismo, antigos aparelhos se reciclaram, alguns entraram em crise e novos se constituíram.

Resistências houve e há, algumas fundamentais, mas todas incapazes de se contrapor vitoriosamente aos processos de neutralização de velhos e novos aparelhos ideológicos. Caso se aprofunde a nova crise do capitalismo, agora em escala ainda mais transnacionalizada, novos horizontes de práticas de resistência coletiva poderão se abrir.

François Matheron (2001), um dos responsáveis pela publicação das obras póstumas de Althusser, contrapõe sem qualquer nuance “um texto tão estimulante como o célebre ‘Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado’ ao “demasiado terrificante ‘Sobre a reprodução das relações de produção’, do qual o primeiro não passa, todavia, exceto em alguns detalhes, de um fragmento”.

Neste artigo, com algumas ressalvas, se defende o ponto de vista oposto.

O manuscrito no seu “quase todo” (pois faltou completá-lo) é importantíssimo para elucidar aspectos importantes do artigo publicado em *La Pensée*. Naquele texto maior se explicitam bem mais claramente os vínculos indissociáveis, numa perspectiva revolucionária, entre análise da reprodução e análise da transformação social. Nele também se abordam dois aspectos que fazem imensa falta para a compreensão das teses apresentadas no artigo. O primeiro é a distinção entre um AIE (um sistema) e uma peça deste sistema. Tal distinção abre espaço para se compreender como, em diversas formações sociais capitalistas, caso da francesa dos anos 70, importantes sindicatos e partidos proletários se constituíam, havia décadas, como peças dos AIs (ao menos parcialmente, estatais) burgueses. E isto ocorria em razão de lutas proletárias e populares que transcorriam muito mais fortemente fora destes aparelhos. Lutas cuja sobrevivência e avanço eram fundamentais para assegurar o caráter operário e popular das referidas peças, evitando que, a exemplo do que ocorreu com a socialdemocracia, elas fossem “digeridas” pelos sistemas dos AIs (estatais inclusos). O mesmo ocorreria, segundo Althusser, em um processo revolucionário socialista, quando é necessário destruir os AIEs do “antigo regime” e, por outro lado, não se criam por decreto os aparelhos correspondentes ao novo poder da classe que luta para se constituir como dominante.

Em poucas palavras, talvez o recado de Althusser no artigo de *La Pensée* tenha sido o oposto do que muitos de seus leitores interpretaram. Se isto faz sentido, é bastante provável que o caráter “stimulant” ou “terrifiant” de *Sur la reproduction* guarde forte relação com as posições teóricas e políticas de quem conhece tanto o artigo como o manuscrito de onde este saiu.

É tempo de reler Althusser.

Bibliografia

- ALTHUSSER, Louis.(1965). Marxisme et humanisme. In: *Pour Marx*. Paris: Maspero.
- _____ (1969).Althusser y Maio del '68: la carta de Althusser a Maria M. Macciochi del 15 de marzo de 1969. <http://www.democraciasocialista.org/?p=3971>.
- _____ (1978). Elementos de autocrítica. In: *Posições -1*. Rio de Janeiro : Graal.
- _____ (1973). L'objet du capital. In: ALTHUSSER, L. e BALIBAR, E. (1973). *Lire le Capital*. 3 ed., v. 1. Paris : Maspero.

- _____ (1992). *L'avenir dure longtemps suivi de Les faits*. Paris : Stock/IMEC.
- _____ (1973). La critique de Marx. In: ALTHUSSER, I. et BALIBAR, E. *Lire le Capital*. 2 ed., vol. 2. Paris: Maspero.
- _____ (1995). *Sur la reproduction*. Paris: PUF.
- _____ (1996). Ideologia e aparelhos ideológicos de Estado (notas para uma investigação). In: ZIZEK, Slavoj. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- BADIOU, Alain (1975). *Théorie de la contradiction*. Paris: Maspero.
- BADIOU, Alain e BALMÈS, François (1976). *De l'idéologie*. Paris: Maspero.
- BADIOU, Alain e WALLWARD, Peter (2007). Interview with Alain Badiou. http://www.valas.fr/IMG/pdf/Interview_with_Alain_Badiou.pdf.
- BALIBAR, Etienne (2005). Avant-propos pour la réédition de 1996 de *Pour Marx*. Paris: La Découverte.
- _____. Texto sobre a Rue d'Ulm.
- BETTELHEIM, Charles (1974). *Les luttes de classes en URSS (1917-1921)*. Paris : Seuil/ Maspero.
- MATHERON, François (2001). Louis Althusser ou l'impure pureté du concept. In: BIDEI, Jacques. e KOUVÉLAKIS, Eustache. *Dictionnaire Marx Contemporain*. Paris: PUF.
- MOTTA, Luiz Eduardo. (2014). *A favor de Althusser: revolução e ruptura na teoria marxista*. Rio de Janeiro: Grama/FAPERJ.
- MOTTA, Luiz Eduardo; SERRA, Carlos Henrique Aguiar (2014). A ideologia em Laclau e Althusser: diálogos (im)pertinentes. *Revista de Sociologia e Política*, vol. 22, n. 50, Curitiba.
- PÊCHEUX, Michel (2013). Ousar pensar e ousar se revoltar. Ideologia, marxismo, luta de classes. *Décalages*, vol. 1, n. 4. Disponível em: <http://scholar.oxy.edu/decalages/vol1/iss4/15>.
- POULANTZAS, Nicos (1968). *Pouvoir politique et classes sociales*. Paris: Maspero.
- RANCIÈRE, Jacques (1974). *La leçon d'Althusser*. Paris: Gallimard.
- THERBORN, Göran (1996). A formação ideológica dos sujeitos humanos. *Lutas Sociais*, n. 1, São Paulo. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18805/13987>.